

**MARX, ENGELS E A CONCEÇÃO DE MODO(S) DE PRODUÇÃO:
UMA RESPOSTA AO “PARADOXO NO CENTRO DA TEORIA
MARXISTA”***

**MARX, ENGELS AND THE CONCEPTION OF MODE (S) OF
PRODUCTION: A RESPONSE TO THE “PARADOX AT THE CENTER
OF MARXIST THEORY”**

Paulo Fernando Rocha Antunes¹

Recebido em: 10/2019
Aprovado em: 03/2020

Resumo: O(s) modo(s) de produção ocupa(m) na concepção materialista da história, isto é, na concepção de Marx e Engels, uma posição destacada para a compreensão do desenvolvimento histórico das sociedades humanas. Ocupa(m) tal posição apesar de os dois autores não terem dedicado uma obra em particular ao assunto, por isso as suas reflexões acerca desta questão encontram-se amplamente dispersas. Tendo isto em conta, o presente artigo aborda, *grosso modo*, o entendimento de ambos acerca do significado de “modo de produção”, recuperando as pistas deixadas pelos dois alemães, mas apenas depois de se expor uma crítica que lhes é dirigida a propósito (por Patnaik), para que no fim se confronte esta com aquelas.

Palavras-chave: Capitalismo; Forças produtivas; Formação económica da sociedade; Relações de produção; Sistema fechado.

Abstract: The mode of production occupies in the materialist conception of history, that is, in the conception of Marx and Engels, a prominent position for the understanding of the historical development of human societies. The mode of production occupies this position even though the two authors did not dedicate a particular work to the subject, their reflections on this question are widely dispersed. It is with this in mind that the present paper deals *grosso modo* with their understanding of what mode of production means, thus recovering the clues left by the two Germans, but only after exposing a criticism addressed to them (by Patnaik), so that in the end the criticism with the clues will be confronted.

Keywords: Capitalism; Productive forces; Economic formation of society; Production relations; Closed system.

¹ Doutorando em Filosofia Política Contemporânea pelo Programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), apoiado pelo orçamento comunitário através do FSE. Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL), integrado no Grupo de investigação PRAXIS e Núcleo de Estudos Políticos da Universidade de Lisboa (nepUL). Membro do Grupo de Estudos Marxistas (GEM). Contacto: pauloantunes@campus.ul.pt

Das Konkrete ist konkret, weil es die Zusammenfassung vieler Bestimmungen ist, also Einheit des Mannigfaltigen. Im Denken erscheint es daher als Prozeß der Zusammenfassung, als Resultat, nicht als Ausgangspunkt, obgleich es der wirkliche Ausgangspunkt und daher auch der Ausgangspunkt der Anschauung und der Vorstellung ist. Im ersten Weg wurde die volle Vorstellung zu abstrakter Bestimmung verflüchtigt; im zweiten führen die abstrakten Bestimmungen zur Reproduktion des Konkreten im Weg des Denkens. [...] die Methode, vom Abstrakten zum Konkreten aufzusteigen, nur die Art für das Denken ist, sich das Konkrete anzueignen, es als ein geistig Konkretes zu reproduzieren. Keineswegs aber der Entstehungsprozeß des Konkreten selbst. Marx, 1857-58.

Nótula introdutória

O(s) modo(s) de produção (*Produktionsweise*) ocupa(m) na concepção materialista da história, isto é, na concepção de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), uma posição destacada para a compreensão do desenvolvimento histórico das sociedades humanas (cf., por exemplo, BANAJI, 2010: 45-116; BENSUSSAN; LABICA, 1982; BOTTOMORE, 1983; HARNECKER (1969); JESSOP, 1990; RENAULT, 2001: 37-40; e, SROUR, 1978)².

O(s) modo(s) de produção ocupa(m) tal posição apesar de os dois autores não terem dedicado uma obra em particular ao assunto, por isso as suas reflexões acerca desta questão encontram-se amplamente dispersas (cf., por exemplo, MARX; ENGELS, 1845-46, 1848; e, MARX, 1847, 1857, 1857-58, 1867).

Tendo isto em conta, o presente artigo aborda, *grosso modo*, o entendimento de ambos acerca do significado de “modo de produção”, recuperando assim as pistas deixadas pelos dois alemães, mas apenas depois de se expor uma crítica que lhes é dirigida a propósito, para que no fim se confronte esta com aquelas, respondendo então ao “paradoxo no centro da teoria marxista” apontado por Prabhat Patnaik (1945-).

Modo(s) de produção: uma crítica

É consabida a polémica existente em torno do que significa(m) o(s) modo(s) de

² «Os modos de produção são chamados várias vezes: “formas de produção”; “formas do processo social de produção”; “épocas de desenvolvimento económico da sociedade”; “épocas de produção”; ‘períodos de produção’ ou, finalmente, ‘organizações históricas de produção’.» - «Modes of production are variously called: ‘forms of production’; ‘forms of the social process of production’; ‘epochs in the economic development of society’; ‘epochs of production’; ‘periods of production’ or, finally, ‘historical organizations of production’.» (BANAJI, 2010: 51-52). Adiante entraremos em detalhe.

produção³, é, pois, costume levantarem-se alguns problemas, entre os quais, se a tal concepção corresponde:

um *reducionismo económico* (por exemplo, tecnológico, em rigor, com base no desenvolvimento das forças produtivas – categoria a ver adiante), uma vez que esta componente dos *modos* – a económica – parece ser, quase exclusivamente, enfatizada;

um *determinismo económico* (ou *fatalismo*, por exemplo, que pudesse ter a tecnologia como base), uma vez que, *prima facie*, os *modos* se seguem uns aos outros como etapas predeterminadas; e,

um (*uni*)*linearismo histórico*, uma vez que aparenta existir pouco espaço para uma versão *multilinear* da história (compreendendo várias possibilidades históricas), quer dizer, às sociedades, dentro de um certo *modo*, estaria somente reservada uma única direção⁴.

Ora, na impossibilidade de dar conta de toda a polémica em torno do presente tema, compete-nos expor a crítica anunciada, dado que parece subentender, de uma maneira ou de outra, estes problemas (embora outros pudessem ter sido referidos em seu lugar).

A crítica ganha forma nas considerações tecidas no capítulo “Capitalism as a Mode of production” do livro *The Value of Money*, de 2009, do economista marxista indiano Patnaik, apesar de o autor não expressar diretamente nenhum dos problemas enunciados.

É certo que a obra não se foca no que significa modo de produção, nem pretende dar conta do debate em torno desta concepção, o seu escopo é diverso⁵. Contudo, o autor adianta o seu entendimento acerca do conceito de modo de produção e como este influi na interpretação marxista da sociedade⁶. Mais do que o seu entendimento, o que nos interessa é o que o autor

³ É realmente vasta a literatura que aborda a questão (cf., para uma breve indicação do debate, ANDERSON, 2010; BALIBAR, 1965; BARATA-MOURA, 2015: 86-90; COHEN, 1983; FONSECA-STATTER, 2009: 159-177; HINDESS; HIRST, 1983; SANTOS, 1984; e, SHAW, 1978: 53-82).

⁴ O ponto de vista exposto por Gerald Cohen (1941-2009) em *Karl Marx's Theory of History*, 1978, pode ilustrar o primeiro problema, e até o segundo, mais precisamente, com ênfase no desenvolvimento tecnológico; já o texto “canónico”, de 1938, de Jossif Estaline (1878-1953) pode ilustrar, até certo ponto, os três (cf., por exemplo, BANAJI, 2010: 48-49).

⁵ Patnaik desenvolve nesta obra uma crítica ao “monetarismo” a partir do ponto de vista que batiza de “proprietismo” (*Propertyism*) – onde coloca Marx e John Maynard Keynes (1883-1946) –, e depois procede à crítica deste mesmo ponto de vista por causa do que considera a sua “incompletude”. Aqui não vão estar em causa as suas considerações que excedam o âmbito do nosso tema, do capítulo referido, portanto, relacionadas com o geral da sua obra.

⁶ «Um modo de produção é um complexo integrado [*integrated complex*] de relações sociais de produção que corresponde a um certo nível de desenvolvimento das forças produtivas sociais. A chave para essas relações de produção reside nas relações de propriedade, que, por sua vez, podem ser entendidas ao examinar o mecanismo de apropriação do excedente dos produtores diretos: “relações de propriedade” referem-se juridicamente ao padrão de reivindicações sobre o produto social, sendo a sua essência a reivindicação sobre o excedente.» - «A mode of production is an integrated complex of social relations of production corresponding to a certain level of development of the social productive forces. The key to these relations of production lies in property relations, which in turn can be understood by looking at the mechanism of appropriation of surplus from the direct producers:

procede a partir daí.

Vejam, Patnaik considera que, embebido nos argumentos que enfatizam a esfera da produção, está implícito um “sistema fechado” (*closed system*) – um sistema visto “idealmente” como isolado (*isolated*), como uma “entidade autónoma” (*self-contained entity*) –, dentro do qual a luta de classes se desenvolve de acordo com as “leis de movimento”, baseadas nas contradições específicas de tal “sistema” (cf. 2009: 188).

Neste sentido, de acordo com o autor, o conceito de modo de produção enquadra o confronto entre duas classes (para o efeito, capitalista vs. proletária), assim deixando de fora outras, retirando-lhes qualquer dinâmica social.

Acrescenta ainda que ao se conceber um “exército de reserva” (desempregados) como essencial ao desenvolvimento capitalista, a concepção de modo de produção volta a comprometer-se com um “fechamento”, dado que o capitalismo deve precisar de mais do que desempregados para coagir os trabalhadores, entenda-se, de mão de obra da periferia, *inter alia* (cf. PATNAIK, 2009: 189, 191).

Este “Sistema fechado”, por sua vez, embebe-se de um chamado “conceito tradicional” de modo de produção (influenciado por uma “linhagem ricardiana”, cf. PATNAIK, 2009: 189). Estando este conceito ligado ao facto de se remeter a análise para a primazia da esfera da produção (*primacy of the sphere of production*), terá como consequência destacar a “produção de valor” e a “forma de exploração” capitalistas, e, dessa maneira, acabando por excluir o *imperialismo* (e com este toda a questão do colonialismo, isto é, da periferia dos grandes centros do sistema) porque o âmbito deste extrapola toda a produção e forma de exploração capitalistas⁷.

O autor, a partir daqui, recusa o que identifica como “difusionismo” (*diffusionism*): difusão mundial do tipo de relações sociais e económicas capitalistas, difusão que subsumiria todas as nações às suas “leis de movimento” (cf. 2009: 193).

O que não quer dizer que para Patnaik o capitalismo não se difunda de facto. Porém, a sua difusão não pode excluir o papel que os outros modos de produção ainda existentes desempenham. Para o autor indiano, estes *modos* já não se relacionam com o capitalismo na sua forma pristina, são moldados, mas onde existem nunca se tornam realmente em sociedades

“property relations” refers juridically to the pattern of claims on social product, their essence being the claim on surplus.» (PATNAIK, 2009: 188).

⁷ O esclarecimento mais profundo do que se entende por “imperialismo” seria aconselhável, por exemplo, confrontar com a tematização de Vladimir Lênine (1870-1924) ou Rosa Luxemburgo (1871-1919), contudo, dado que transcenderia o espaço que nos está reservado, ficamo-nos por uma noção mínima, nomeadamente, a de que existindo um “império” existe o que está sob o seu domínio, é-lhe “inferior”, “periférico”, etc.

burguesas (cf. 2009: 193). O capitalismo mantém o monopólio em algumas nações, o que deve impedir o aburguesamento da generalidade.

O indiano afirma, como rejeição do dito “conceito tradicional”, que o modo de produção capitalista é muito mais do que Marx analisou; e, por isso, a concepção de modo de produção é irrelevante para o capitalismo, porquanto descarta as suas ligações (*linkages*) com outros modos existentes⁸.

Não obstante, o autor não deixa de sugerir que as tendências imanentes (*tendencies immanent*) do capitalismo, reveladas por Marx, operam realmente, mas refletindo sempre as interações (*interactions*), ligações, com o universo circundante (cf. 2009: 194)⁹. A dinâmica do capitalismo consiste no facto, diz-nos o indiano, de que necessita de um estímulo exógeno (*exogenous stimuli*) para sustentar a acumulação (de capital) e absorver os seus choques (cf. 2009: 195)¹⁰.

Patnaik pretende ultrapassar uma concepção de modo de produção que, a partir do processo de produção – entre outras coisas, extração do excedente pelos que participam diretamente na produção –, seja entendida como apelando a uma “entidade autónoma” (cf. 2009: 194). As tendências podem funcionar, mas em interação com outras configurações que não se adequam pura e simplesmente às mesmas “leis”. Eis como o autor remata:

A solução da aparente contradição [veja-se o “paradoxo” *infra*] entre o conceito de modo de produção e a teoria do imperialismo [*theory of imperialism*] não é

⁸ «O sistema capitalista é muito mais do que o modo de produção capitalista analisado por Marx. [...] Assim, o conceito de um modo de produção [...] não é relevante para o capitalismo, uma vez que tende a prejudicar as suas ligações com outros modos de produção com os quais deve coexistir simultaneamente.» - «The capitalist system is much more than the capitalist mode of production analyzed by Marx. [...] Thus the concept of a mode of production [...] is not relevant for capitalism, since it tends to detract from its linkages with other modes of production with which it must simultaneously coexist.» (PATNAIK, 2009: 190, 192).

⁹ Segundo Patnaik, aqui se encontra igualmente a resolução do “dilema proprietista” – o capitalismo não é um “sistema fechado”, está instalado com configurações pré-capitalistas –, o que, no seu entendimento, parecia escapar em igual medida a Marx e a Keynes (cf. PATNAIK, 2009: 187).

¹⁰ «[...] uma economia capitalista isolada [*isolated capitalist economy*] que opera espontaneamente não tem nenhum estímulo exógeno. A inovação, o principal estímulo exógeno enfatizado por autores tão diversos como [Joseph] Schumpeter [1883-1950] e [Michał] Kalecki [1899-1970], na verdade não é um estímulo exógeno, já que o ritmo de introdução das inovações não é, em si, independente do esperado crescimento da demanda. E as despesas do Estado, o outro principal estímulo exógeno que pode surgir numa economia capitalista isolada, na verdade não faz parte do funcionamento *espontâneo* do capitalismo (além de ser um fenómeno que adquiriu especial destaque somente nos últimos anos).» - «[...] an isolated capitalist economy operating spontaneously does not have any exogenous stimuli. Innovation, the main exogenous stimulus emphasized by authors as diverse as Schumpeter and Kalecki, is really not an exogenous stimulus, since the pace of introduction of innovations is itself not independent of the expected growth of demand. And state expenditure, the other main exogenous stimulus that can arise in an isolated capitalist economy, is really not a part of the *spontaneous* functioning of capitalism (apart from being a phenomenon that has acquired particular prominence only in more recent years).» (*grifo do autor*, PATNAIK, 2009: xiv). Quer dizer, o processo de acumulação de capital e as suas consequências (crises, etc.) encontram a sua melhor compreensão uma vez que se considere a sua relação com os modos de produção que lhe são externos.

abandonar a centralidade de qualquer um destes conceitos, mas reconhecer teoricamente um fenômeno que tem estado há muito tempo em vista, a saber, que o modo [de produção] capitalista tem algumas características muito específicas que lhe são associadas, uma das quais é o facto de que ele nunca existe isoladamente (2009: 196)¹¹.

O autor julga confirmar a relevância para o próprio capitalismo da coexistência com outros modos de produção – na medida em que possam servir para escoar excedentes, usufruir das suas reservas de trabalhadores, aproveitar-se da sua pauperização, etc. –, sem por isso transformá-los em modos de produção capitalistas, como acima afirmado.

Vejamus novamente, o problema em causa é o seguinte: uma tendência para a concepção de modo de produção aparecer como um “sistema fechado”. Na esteira, Patnaik declara que considerar o capitalismo como “sistema mundial” (*world system*) tende a acabar com o conceito marxista de modo de produção¹², tende a fechá-lo, o que “deita fora o bebé com a água do banho” (*throwing the baby out with the bathwater*, 2009: 196), isto é, deita fora toda a questão colonial, periférica, atinente à coexistência com outros modos de produção. O autor parece afirmar que Marx os secundarizou e subsumiu no modo de produção capitalista (relembra-se a questão do difusionismo).

Consequentemente, o indiano identifica o que considera ser um “paradoxo no centro da teoria marxista”: ninguém terá escrito sobre colonialismo como Marx; porém, no *corpus* dos escritos teóricos de Marx sobre a “lei do movimento da sociedade moderna” (*law of motion of modern society*) o colonialismo aparentemente não ocupa qualquer lugar¹³.

¹¹ «The solution to the apparent contradiction between the concept of the mode of production and the theory of imperialism is not to abandon the centrality of either but to recognize theoretically a phenomenon that has been on view for long, namely that the capitalist mode has some very specific characteristics attached to it, one of which is the fact that it never exists in isolation.»

¹² Tenha-se em conta de que o autor não procurou diminuir o trabalho que Marx teve ao revelar a “lei do movimento” do capitalismo, chega mesmo a insistir na retenção do conceito de modo de produção para uma melhor compreensão do que está em causa. No entanto, o indiano opta por sublinhar o que entende ser a insuficiência mesmo de um “esforço hercúleo” como esse (cf. PATNAIK, 2009: 192, 193-194), no fundo, como se o conceito marxista de modo de produção se mesclasse, quase irreversivelmente, com o que designa por “conceito tradicional”.

¹³ «[...] existe um paradoxo no centro da teoria marxista. Ninguém escreveu tão argutamente sobre o funcionamento do colonialismo como Karl Marx, não apenas sobre as suas implicações históricas gerais, mas também sobre a mecânica do seu funcionamento económico: muitos já notaram uma semelhança notável entre os escritos de Marx sobre a economia do colonialismo na Índia e os de Dadabhai Naoroji [1825-1917], o “grande velho” do nacionalismo indiano, que forneceu o fundamento teórico básico para a luta anticolonial da Índia através da sua célebre “teoria de drenagem” [*drain theory*] sobre a apropriação do excedente da Índia pela Grã-Bretanha. E, no entanto, em todo o *corpus* dos escritos teóricos de Marx sobre a “lei do movimento da sociedade moderna”, não há lugar para o colonialismo.» - «[...] there is a paradox at the center of Marxist theory. Nobody wrote as perceptively on the working of colonialism as Karl Marx did, not just on its overall historical implications, but also on the mechanics of its economic functioning: many have even noted a remarkable resemblance between Marx’s writings on the economics of colonialism in India and those of Dadabhai Naoroji, the “grand old man” of Indian nationalism, who provided the basic theoretical foundation for India’s anticolonial struggle through his

Modo(s) de produção: à guisa expositiva

Produção: forças e relações

É importante (re)tomar a definição, o mais geral possível, do que significa modo de produção na concepção (também chamada, a propósito, de materialismo histórico) de Marx e Engels.

Da composição do(s) modo(s) de produção fazem parte e interagem as forças produtivas (ou forças de produção, *Produktivkräfte*) e as relações de produção (*Produktionsverhältnisse*, cf. MARX, 1859: 7-11¹⁴). Para um melhor entendimento destas *forças e relações*, deve-se reter o que se entende por produção.

A produção (em última instância, o que a base económica – *ökonomische Grundlage* – significa para Marx e Engels) remete, como primeira premissa histórica, para as condições necessárias à sobrevivência humana – isto é, para a necessidade que o ser humano tem de comer, beber, vestir, habitar, necessidade de (re)produzir estas condições, entre outras (as necessidades variam conforme a época e o local), com vista à sua subsistência¹⁵.

Assim, não pode existir produção sem os materiais necessários para produzir os bens essenciais à subsistência humana, por exemplo, animais, metais, minérios ou produtos agrícolas. O que quer dizer que não pode existir produção sem o objeto sobre o qual o ser humano trabalha, sem alguma coisa para transformar, isto é, sem o objeto de trabalho (*Arbeitsgegenstand*).

Historicamente, o ser humano não trabalhou apenas com as mãos. O ser humano inventou ferramentas e outros apetrechos, com vista à transformação dos objetos de trabalho – deste modo, criou o instrumento de trabalho (*Arbeitsinstrument*). O ser humano trabalha em edifícios, terras, etc., precisa de estradas, pontes, canais, etc., isto é, precisa de infraestruturas,

celebrated “drain theory” on the appropriation of surplus from India by Britain. And yet in the entire corpus of Marx’s theoretical writings on the “law of motion of modern society” there is no role for colonialism.» (*grifos nossos*, PATNAIK, 2009: 187). Para uma noção geral dos escritos de Marx e Engels acerca do “colonialismo”, cf. MARX; ENGELS, 1972.

¹⁴ Não descuramos as sucessivas acusações de mecanicismo, etc., que recaem sobre este prefácio a *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* de Marx, todavia, não apenas entendemos uma leitura desse tipo como redutora, como refutada pelos seus escritos posteriores (entre outros anteriores).

¹⁵ «[...] os homens têm de estar em condições de viver para poderem “fazer história”. Mas da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas.» - «[...] die Menschen imstande sein müssen zu leben, um „Geschichte machen” zu können. Zum Leben aber gehört vor Allem Essen und Trinken, Wohnung, Kleidung und noch einiges Andere.» (MARX; ENGELS, 1845-46: 28).

condições materiais de produção. Estas, mais os instrumentos de trabalho, constituem os meios de trabalho (*Arbeitsmitteln*).

Os objetos de trabalho mais os meios de trabalho, ambos, de facto, indispensáveis à produção, constituem os meios de produção (*Produktionsmittel*). Sem os meios de produção não existe *o que e como* produzir.

Ademais, sem produtores nem vale a pena existir *o que e como* produzir, pois a produção é socialmente determinada (cf. MARX, 1857-58: 19)¹⁶. Daí, a descrição do processo de produção ficar somente completa tendo em conta a capacidade de trabalho humana. Os produtores, os trabalhadores, correspondem à força de trabalho (*Arbeitskraft*). Esta força, mais os meios de produção, constituem, finalmente, as forças produtivas (cf. MARX, 1849)¹⁷.

A consequência desta urgência de cooperação entre indivíduos com vista à produção de bens necessários à vida humana condu-los a determinadas relações recíprocas, estabelecendo relações de produção – relações sociais em que os indivíduos produzem. Isto é, relações sociais de produção que interagem com um determinado desenvolvimento das forças produtivas (por exemplo, relações de produção mais avançadas tendem a desenvolver-se com maior dificuldade se as forças produtivas estiverem subdesenvolvidas)¹⁸.

As relações de produção determinam o tipo de propriedade em que assenta a produção, como esta se organiza, como se decide o destino dos excedentes, encontrando, portanto, como sua expressão jurídica as relações de propriedade (*Eigentumsverhältnissen*, cf. MARX, 1857)¹⁹.

¹⁶ Como a produção é socialmente determinada todo o processo produtivo é impossível de ser realizado por um indivíduo isolado. O ser humano só consegue produzir as condições da sua sobrevivência uma vez em sociedade. Mesmo um “Robinson Crusoe” (exemplo bastante utilizado por Marx, cf., por exemplo, 1857: 615; 1867: 90 ss.) teria de partir daquilo (e no romance partiu) que fora legado pela sociedade, nomeadamente os instrumentos e os objetos de trabalho existentes.

¹⁷ Estas *forças* também correspondem ao nível de relação material entre a sociedade humana e a natureza. É desta que em primeira instância o ser humano extrai o que lhe é necessário para sobreviver, tenha-se em conta a influência (mesmo que não absolutamente decisiva) do meio geográfico (cf. MARX, 1867: 535-538). Pode-se dizer que a partir do desenvolvimento desta relação material se consegue perceber a capacidade de o ser humano dominar a natureza, uma vez que a modifica substancialmente, pois não se trata de mera recolção (cf., por exemplo, MARX; ENGELS, 1845-46: 42-43). Deve-se ainda ter em conta que Marx também chega a utilizar o mesmo termo – força(s) produtiva(s) – para se referir a algo distinto, nomeadamente, a uma capacidade de trabalho quer individual como social, mas não é este o sentido que aqui nos interessa (cf., por exemplo, 1867: *passim*).

¹⁸ «[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; relações de produção que correspondem a um grau determinado de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais.» - «In der gesellschaftlichen Produktion ihres Lebens gehen die Menschen bestimmte, notwendige, von ihrem Willen unabhängige Verhältnisse ein, Produktionsverhältnisse, die einer bestimmten Entwicklungsstufe ihrer materiellen Produktivkräfte entsprechen.» (cf. MARX, 1859: 8).

¹⁹ Por exemplo, atente-se sucintamente aos seguintes *modos* e formas de propriedade: na *comunidade primitiva*, a produção (das condições de sobrevivência humana) assentava fundamentalmente numa partilha social (o chamado “comunismo primitivo”); no *esclavagismo*, uma parte dos indivíduos detinha a totalidade das forças produtivas (meios de produção e força de trabalho), era, por isso, proprietária direta, não apenas dos meios, mas também do produtor; no *feudalismo*, os senhores (nobreza e clero) possuíam a terra e assim detinham o meio fundamental da produção que lhe era própria, e mesmo que não detivessem a totalidade dos instrumentos de trabalho, aqui o

Na sequência, é ainda necessário ter presente que a propriedade privada, nesta concepção, é sempre entendida do ponto de vista histórico, quer dizer, não existe uma propriedade genérica, abstrata, a-histórica. É importante saber de que propriedade se fala, a que período histórico se refere e de que tipo: se individual, se de produção coletiva ou social e quais as suas configurações (cf., por exemplo, MARX, 1847; 1867: 789).

A propriedade que deve ser analisada quanto aos modos de produção é primeira e fundamentalmente a das forças produtivas ou de parte delas, dos meios de produção, dos seus excedentes, não é outra (o que se encontra na análise das relações de produção), ou seja, não é a propriedade desta ou daquela casa, deste ou daquele objeto, etc.

Interessa investigar a organização da sociedade, se uma parte dos indivíduos é *explorada* pela outra, ou seja, se uma parte produz e a outra vive da produção desta; como é que se distribuem os produtos do trabalho; e os tipos de classe que correspondem (dominantemente) a um modo de produção em particular (o que se acerta com a análise das formações económicas da sociedade – a ver mais abaixo). Quando se estuda a propriedade de um modo de produção, é isto que está em causa.

Retenha-se ainda que a produção como “categoria geral” não passa outrossim de uma abstração – não serve para explicar os graus históricos reais da produção (cf. MARX, 1857: 617, 620; 1862-63: 256-257). Uma coisa é dizer que o ser humano *produz* em todas as épocas históricas e dar conta de traços comuns (como a questão de serem precisos objetos, instrumentos de trabalho, etc.), outra coisa é dizer *como* produz.

Vejamos um exemplo de Marx: para que haja o que saquear é preciso que exista o que saquear, que exista produção, se durante séculos se viveu de pilhagem, é porque teve de haver alguma coisa para pilhar ou o objeto da pilhagem teve de se reproduzir continuamente (cf. 1867: 97-98 n). Mas o próprio tipo de pilhagem é determinado pelo tipo de produção. Não se pode saquear uma nação de especuladores de Bolsa (*stock jobbing nation*) da mesma maneira que uma nação de vaqueiros (cf. MARX, 1857: 629).

O que pressupõe uma diversidade, especificidade, histórica de maneiras de produzir às quais se deve atender.

trabalho assentava na servidão; e, no *capitalismo*, os meios de produção também são propriedade privada, mas aqui o trabalho não apenas é realizado por via do assalariamento como os instrumentos e objetos de trabalho se encontram totalmente apropriados dos produtores (cf., por exemplo, KOZLOV, 1981: 37 ss.). As relações de propriedade são de certa maneira adequadas em cada *modo*, o que não quer dizer que não coexistam com outro tipo de relações. Por conseguinte, não se descarta a existência de outros *modos* intermédios, ou pré-capitalistas, de produção, nem do “modo de produção asiático”, mas a exposição destes remete para um extenso debate na tradição marxista, apesar de fundamental para o nosso desfecho, a ver adiante (cf. ANDERSON, 2010: 154-236; GRACA; ZINGARELLI, 2015; KRADER, 1980; e, MARX, 1857-58: *passim*).

Transição: conexão e conflito

Uma vez exposta a composição geral do(s) *modo(s)*, deve-se aprofundar um pouco mais a questão da interação (“conflito”, cf. FONSECA-STATTER, 2009: 83-87) entre as forças produtivas e as relações de produção. Aqui pode ser encontrada a “chave” para a transição (*Übergang*) de um modo de produção para outro (cf., por exemplo, BAMBIRRA, 1993; e, NUNES, 2017).

Esta interação assenta numa conexão interna (*innern Zusammenhang*), como acima foi exposto, um determinado desenvolvimento das forças produtivas exige determinadas relações de produção, mas determinadas relações de produção também tendem a forçar determinadas forças produtivas.

Não obstante, as forças produtivas são mais facilmente transformáveis, pois estão sempre em movimento, considerando-se que na experiência de trabalho o ser humano encontra novas e sofisticadas maneiras de produzir as condições da sua sobrevivência²⁰.

Por sua vez, as relações de produção serão relativamente estáveis, isto é, os tipos de propriedade correspondentes à produção, apesar da alteração constante das forças produtivas, conseguem perdurar mais do que as *forças* que antes lhes correspondiam.

A transição de um modo de produção para outro considera-se, fundamentalmente, quando as relações de produção deixam de corresponder às forças produtivas, entrando em contradição (conflito) com estas. Mas também é possível, como acima se enunciou, que por via das relações de produção se busque transformar o essencial das forças produtivas.

A partir destas contradições a história da sociedade permite-se dar um “salto” (ou saltos, *sprungweise*) no seu desenvolvimento. Aqui se encontram, por exemplo, as “revoluções sociais” (cf. ENGELS, 1859: 475; e, MARX, 1859: 9; 1867: 327)²¹.

Todo este processo de transição não se origina nem automática nem mecanicamente. A

²⁰ Veja-se o caso do desenvolvimento tecnológico referente aos instrumentos de trabalho, sem por isso significar qualquer mudança automática ou instantânea.

²¹ «Numa certa etapa [*Stufe*] do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade em que se haviam desenvolvido até então. A partir das formas de desenvolvimento das forças produtivas, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social [*sozialer Revolution*].» - «Auf einer gewissen Stufe ihrer Entwicklung geraten die materiellen Produktivkräfte der Gesellschaft in Widerspruch mit den vorhandenen Produktionsverhältnissen oder, was nur ein juristischer Ausdruck dafür ist, mit den Eigentumsverhältnissen, innerhalb deren sie sich bisher bewegt hatten. Aus Entwicklungsformen der Produktivkräfte schlagen diese Verhältnisse in Fesseln derselben um. Es tritt dann eine Epoche sozialer Revolution ein.» (cf. MARX, 1859: 9).

luta de classes (*Klassenkämpfen*) é o seu termómetro, e as forças e relações de produção são o seu fundamento material, não a dispensam (embora nem tudo se possa reduzir à questão classista) – interessa avaliar a correlação das forças sociais (cf. MARX-ENGELS, 1848). É, pois, necessária a dinâmica das massas e da intervenção social.

Interessa ainda considerar, como dizia Engels, o desenvolvimento em “zigzague” (*Zickzack*) da própria história (cf. 1859: 475) – ou como pode ser igualmente descrito no âmbito da concepção dos dois autores: em “espiral” (cf. RENAULT, 2001: 31) –, compreendendo a possibilidade de catástrofes naturais e/ou sociais, como Marx também avaliou. Ou seja, enganam-se aqueles indivíduos que esperam por um *progresso* de sentido único, tranquilo e garantido.

É, por conseguinte, cada vez mais decisivo que se compreenda o desenvolvimento social à escala global (a mundialização do mercado) e como se relacionam as nações (ou melhor, os diversos modos de produção de cada uma e as diferentes expressões de um mesmo modo de produção globalmente). E, com isto, determinar avanços e recuos sociais conforme a produção (portanto, se não for vista apenas como “categoria geral”, mas na ação recíproca – *Wechselwirkung* – entre os diversos *modos* e fatores historicamente determinados) e não conforme as condições “fechadas” de um modo de produção particularizado (ainda que este tipo de identificação seja essencial para se compreender a que se refere, qual o seu nível de relação com outros *modos* e qual o dominante)²².

O(s) modo(s) de produção identificam, em última instância, as “leis do movimento” da organização social e económica, ou seja, como os seres humanos se organizam com vista a (re)produzir a sua vida, e como esta produção interfere nas suas relações, adquirindo “força de lei” (analisam-se as suas *conexões* e *conflitos*, com vista à *transição*), variando a sua forma

²² Sem a (re)produção da vida não valia a pena satisfazer outras necessidades, nem pensar em sociedade sequer. Não obstante, a base económica não se resume à reprodução do viver humano, porquanto se deve atender ainda à superestrutura (*Überbau*) – instituições jurídicas, políticas, ideológicas, etc. – que se desenvolve condicionada por tal base, mas a influencia reciprocamente (cf. ENGELS, 1890). Isto é, nem uma nem outra podem esgotar o desenvolvimento de um modo de produção. Vejamos: «Com a mudança que se produziu na base económica transforma-se mais ou menos lenta ou rapidamente toda a imensa superestrutura. Na consideração de tais transformações, convém distinguir sempre a transformação material das condições económicas de produção – que podem ser verificadas fielmente com ajuda das ciências físicas e naturais – e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, resumindo, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência desse conflito [*Konflikt*].» - «Mit der Veränderung der ökonomischen Grundlage wälzt sich der ganze ungeheure Überbau langsamer oder rascher um. In der Betrachtung solcher Umwälzungen muß man stets unterscheiden zwischen der materiellen, naturwissenschaftlich treu zu konstatierenden Umwälzung in den ökonomischen Produktionsbedingungen und den juristischen, politischen, religiösen, künstlerischen oder philosophischen, kurz, ideologischen Formen, worin sich die Menschen dieses Konflikts bewußt werden und ihn ausfechten.» (cf. MARX, 1859: 9).

histórica²³.

Modo de produção e formação económica da sociedade

Por fim, clarifique-se a relação entre modo de produção e formação económica da sociedade (*ökonomische Gesellschaftsformation*), historicamente determinada, uma vez que, em rigor, o primeiro define o funcionamento da sociedade a um nível mais abstrato e o segundo diz respeito às suas configurações particulares, mais concretas²⁴.

O modo de produção visa, como temos (a)notado, identificar no desenvolvimento socioeconómico as “leis de movimento” próprias de uma época de produção. Como acima foi visto, visa fazê-lo o mais independentemente possível das particularidades nacionais ou conjunturais, o que não significa prescindir de uma análise que tenha em conta o particular, bem pelo contrário.

A formação económica da sociedade, por sua vez, corresponde à análise mais particular de uma época ou de uma nação, num dado momento histórico (por exemplo, a União Europeia em 2017, ou ainda mais particular, Portugal em 2017, ou um período mais extenso, o Brasil de 2007 a 2017). Apesar de particular, visa dar conta do seu enquadramento total, por exemplo, pode existir uma diversidade de modos de produção num certo período ou até numa só nação (mais destacadamente, em períodos de transição), e a sua análise ajuda a compreender, *inter alia*, qual o dominante e as relações entre eles (o que já vimos ser decisivo para uma melhor compreensão).

²³ Com este(s) é, ainda, permitido circunscrever historicamente o escopo da práxis humana. A ação dos indivíduos joga-se neste meio, a individualidade não é eliminada, mas circunscrita ao seu contexto histórico, encontrando o seu papel decisivo em diversos momentos e lugares, reitera-se, não escolhidos arbitrariamente (cf. MARX-ENGELS, 1845-46: 28, 38). Acrescente-se: «A relação é o lugar de constituição originária do indivíduo humano, em geral. E as relações são elas próprias objetivas, estão materialmente fundadas – apesar de decorrerem, e de serem vivenciadas, através de instâncias fundamentais da subjetividade, designadamente de ordem afetiva. Nascemos de uma relação, formamo-nos dentro de uma relação, desenvolvemo-nos e expressamo-nos no quadro de relações. É dentro de um sistema complexo de relações que a individualidade é individual. Não há individualidade fora nem à parte desse sistema.» (BARATA-MOURA, 1998: 309).

²⁴ «A sociedade em que vivemos não é em si mesma um modo de produção nem é reproduzida em toda a sua complexidade no conceito de modo de produção. Em vez disso, o conceito da sociedade em que vivemos é o de uma *formação social* particular, como a “Grã-Bretanha em 1978”, enquanto o MPC [modo de produção capitalista] é um conceito mais geral e mais abstrato.» - «The society in which we live is not itself a mode of production nor is it reproduced in all its complexity in the concept of the mode of production. Instead, the concept of the society in which we actually live is that of a particular *social formation* such as ‘Britain in 1978’ while the CMP [capitalist mode of production] is a concept which is more general and more abstract.» (*grifo dos autores*, FINE; HARRIS, 1979: 12-13). É importante proceder a esta distinção mesmo que Marx não tenha formulado o conceito de “formação económica da sociedade” de maneira sistemática e este corresponda mais ao que os seus seguidores vieram a definir como “conceito de formação económico-social” (cf. SROUR, 1978: 127-131, ainda que não concordemos com a sua reflexão acerca da relação com a superestrutura).

É, pois, relevante para uma análise mais completa da sociedade ter em conta os modos de produção e a formação económica da mesma, são complementares, uma vez que o modo de produção nunca se encontra em “forma pura”²⁵.

Aproveita-se a passada para se distinguir o modo de produção, como até agora assinalado, de “modo de produção” como maneira de descrever o “modo de trabalho”, a “forma de trabalho” ou o “processo de trabalho”, isto é, uma determinada organização do trabalho (expressões que Marx utiliza em diversos momentos, cf., por exemplo, 1867: *passim*; e, BANAJI, 2010: 50-52²⁶).

Mas também não se deve confundir os modos de produção com o “tipo ideal” (*Idealtyp*) weberiano que se apresenta mais como uma espécie de “ideia reguladora”, o qual, em relação à concepção de modos de produção aqui em causa, perde dimensão ontológica²⁷. Para a análise da concepção de Marx e Engels é preciso não deixar de lado as condições materiais de onde parte a produção.

Modo(s) de produção: um confronto

²⁵ Vejamos algumas das vezes em que Marx se refere à “formação económica da sociedade”: «Em linhas gerais, podem ser os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno designados como outras tantas épocas progressivas [*progressive Epochen*] da formação económica da sociedade.» - «In großen Umrissen können asiatische, antike, feudale und modern bürgerliche Produktionsweisen als progressive Epochen der ökonomischen Gesellschaftsformation bezeichnet werden.» (cf. 1859: 9). Mas apenas em “linhas gerais”, ao invés de uma descrição “fechada” e “pura” das relações de uma sociedade. Uma segunda referência pode ser encontrada assim: «Menos do que qualquer outro, o meu ponto de vista, que considera o desenvolvimento da formação económica da sociedade como um processo de história natural [*naturgeschichtlichen Prozeß*], pode tornar o indivíduo responsável por condições das quais ele é, socialmente, uma criatura, por mais que ele queira colocar-se subjetivamente acima dela.» - «Weniger als jeder andere kann mein Standpunkt, der die Entwicklung der ökonomischen Gesellschaftsformation als einen naturgeschichtlichen Prozeß auffaßt, den einzelnen verantwortlich machen für Verhältnisse, deren Geschöpf er sozial bleibt, so sehr er sich auch subjektiv über sie erheben mag.» (MARX, 1867: 16). Quer dizer, o indivíduo encontra-se historicamente determinado.

²⁶ Jairus Banaji (1947-) dá-nos ainda um exemplo de como se pode errar por não se saber distinguir este significado de modo de produção: «[Christian] Palloix [...] simplesmente não consegue entender esse processo [de exploração dos camponeses através de formas de carácter feudal, enquanto as relações de produção adquirem carácter burguês] quando argumenta que, enquanto o camponês permanecer atado aos meios de produção, o capital apropria-se do seu excedente de trabalho com base nas antigas *relações de produção* feudais [...]. Palloix cita o *Capital*, Volume III, [...] para sustentar a sua visão, ignorando assim que, nesta passagem, como em tantas outras, Marx entendia por “modo de produção” apenas o processo de trabalho [*labour-process*] do pequeno produtor.» - «Palloix [...] simply fails to understand this process when he argues that, as long as the peasant remains tied to the means of production, capital appropriates his surplus-labour on the basis of the old feudal *relations of production* [...]. Palloix cites *Capital*, Volume III, [...] to substantiate his view, thus ignoring the fact that, in this passage, as in so many others, Marx meant by ‘mode of production’ only the labour-process of the small producer.» (2010: 56-57, n. 47).

²⁷ Max Weber (1864-1920) não descreve o acontecimento social na formação concetual idealista, ao invés, o tipo ideal é um “padrão” pelo qual o evento real deve ser medido. O tipo ideal em si é uma “imagem de pensamento” ou um “conceito de limite” puramente ideal, para se poder compreender a realidade de forma analiticamente separada (cf. WEBER, 1922: *passim*).

Posto isto, estamos em condições de retomar o diálogo com Patnaik, mais propriamente, para confrontar a sua crítica com as pistas recuperadas dos dois autores alemães.

Quando Marx e Engels falam de um “mercado mundial” criado pelo capitalismo, eventualmente “à sua imagem” (cf. MARX; ENGELS, 1848: 466), não parece que façam mais do que enfatizar a *tendência* capitalista para a expansão das suas relações, não afirmam nem confirmam qualquer “difusão purificada”, e a tudo subsumível, destas. Ora, pode-se falar de um “mercado mundial” capitalista, mas tem de se ter em conta que as relações capitalistas são apenas dominantes, ao invés de exclusivas e absolutas.

Fica deste modo patente a consideração de ambos por um “estímulo exógeno” (deixemos passar a expressão de Patnaik, apesar de poder permitir leituras ambíguas). Descurar o papel deste estímulo na concepção materialista da história é o mesmo que ignorar o objetivo de Marx ao analisar, como analisou, o modo de produção capitalista tendo em conta a circunscrição, compreensão, ao máximo das suas próprias “leis de movimento”, para poder superá-lo; análise que em primeiro lugar não podia abordar a totalidade das relações existentes, porém, não fez de conta que não existiam diversas²⁸.

A realidade concreta encerra em si diversidade, pode-se até dizer que o “sistema” é na verdade “aberto”, mas não *aberto* a tudo, quer dizer, dada uma determinação histórica o desenvolvimento fecha-se a algumas possibilidades. É, portanto, preciso ter em conta a relação do *abstrato* e do *concreto* no âmbito desta concepção. Retomemos a epígrafe:

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, por conseguinte, unidade da diversidade [Einheit des Mannigfaltigen]. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, em vez de ponto de partida, não obstante ser o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira maneira, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento. [...] o método de ascender [aufzusteigen] do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento se apropriar do concreto, de o reproduzir como um concreto mental. Não é, no entanto, o processo de gênese [Entstehungsprozeß] do próprio concreto (grifos nossos, MARX, 1857-58: 35)²⁹.

²⁸ Engels definiu a dialética como a “ciência das leis gerais do movimento do mundo exterior”, o que Banaji considera prejudicial para a especificidade revolucionária que tem em Marx, devido à abstração de tal definição. Para o este autor, isto parece descurar o caráter histórico de cada momento (cf. 2010: 59). Advertimos, é preciso uma leitura atenta de *Das Kapital* para uma noção não naturalista ou mecanicista do que é entendido como “lei do movimento” capitalista.

²⁹ Passagem que não surge por acaso nos manuscritos – *Grundrisse* – em que Marx vai abordar a diversidade dos modos de produção.

Abstrair as particularidades do modo de produção capitalista (*mais-valia*, etc.), e logo depois aproximar-se da sua concreção, fez parte desse enorme esforço de “ascensão” que Marx levou a cabo. O alemão não criou o concreto, antes, fez uso de um método para a sua compreensão – partir do próprio concreto para a sua abstração e da sua abstração para o concreto outra vez, mas agora enriquecido³⁰.

Existem, portanto, dois níveis de abstração: o primeiro, abstrair de particularidades que impliquem perturbar a reflexão³¹; o segundo, como via para se progredir (enriquecendo a concepção) rumo ao concreto – à “síntese de múltiplas determinações” (o que era dispersão, perturbação, encontra-se agora melhor compreendido).

Veja-se que estes dois níveis estão em causa quanto à questão do valor³². Por isso, não parece lograr cabimento destacar a maneira como Marx fala do valor como prova da “insuficiência” da sua concepção de modos de produção. Em parte alguma o alemão considera “abstratamente” o valor noutra *modo* ou livre de qualquer outra relação³³.

³⁰ «Não é menos certo que conduzir os elementos da diversidade a uma propriedade que lhes é comum e invariável leva a um *geral abstrato*, a um geral sem desenvolvimento, mas não a uma abstração determinada, não a uma abstração *concreta*, não a uma abstração que contém riqueza, a totalidade e a diversidade do concreto e que visa reproduzi-lo na consciência.» (FAGUNDES, 2014: 109). É de uma abstração determinada historicamente e assim enriquecida que se trata em Marx (cf. FINE; HARRIS, 1979: 6-8, para um resumo do processo de abstração ao longo de *Das Kapital*).

³¹ «Para conceber o objeto da investigação [*den Gegenstand der Untersuchung*] na sua pureza [a questão essencial do capitalismo – a *mais-valia*, *Mehrwert*], livre de circunstâncias secundárias perturbadoras, temos de encarar aqui o mundo do comércio total como uma nação, e de pressupor [*voraussetzen*] que a produção capitalista se estabeleceu em todo o lado e se apoderou de todos os ramos da indústria.» - «Um den Gegenstand der Untersuchung in seiner Reinheit, frei von störenden Nebenumständen aufzufassen, müssen wir hier die gesamte Handelswelt als eine Nation ansehen und voraussetzen, daß die kapitalistische Produktion sich überall festgesetzt und sich aller Industriezweige bemächtigt hat.» (MARX, 1962: 662 n.). Em lado algum é dito que o modo de produção capitalista se ergue de modo absoluto e esvazia tudo o que o circunda, ou existe “puramente”.

³² «Essa própria determinação de valor [*Wertbestimmung*] tem como pressuposto, portanto, um determinado estágio histórico dado do modo de produção social, sendo ela própria uma relação dada com o modo de produção, logo, uma relação histórica.» «Diese Wertbestimmung selbst hat also zu ihrer Voraussetzung eine gegebne historische Stufe der geseUschaftlichen Produktionsweise und ist selbst ein mit derselben gegebenes, also historisches Verhältnis.» (MARX, 1857-58: 177).

³³ Por exemplo, há quem apresente uma posição contrária a Patnaik – de que o conceito de modo de produção é irrelevante para o capitalismo –, contudo, em nosso entendimento, também falha. É o caso de Roberto Finelli (1971-) que chega à conclusão de que uma leitura económica (isto é, de modo de produção) da sociedade só pode ter lugar em capitalismo, dado que o seu carácter totalitário (subsunção dos diversos fatores sociais à produção de valor) não se revela em modos de produção anteriores, ou seja, de acordo com o autor a concepção geral do materialismo histórico não se aplica a outras formas sociais, a concepção de modo de produção seria exclusiva do capitalismo (cf. FINELLI, 2009: 107). Mas este autor também descarta a importância de se ter em conta a dialética entre o *abstrato* e o *concreto* e como se coloca neste sentido o modo de produção e as formações económicas da sociedade, porquanto é preciso saber ir da produção no abstrato à no concreto. A concepção de modo de produção serve mais do que para analisar o capitalismo. O que Marx não deixou de fazer, por exemplo e recuperando uma questão cara a Patnaik: «Todo o desafio que a ‘questão colonial’ [*colonial question*] representa para o materialismo histórico consiste em estabelecer esses ritmos e movimentos económicos distintos, em traçar as suas origens específicas de acordo com a conjuntura da economia mundial e, finalmente, em entender as suas conexões mais profundas.» - «The whole challenge which the ‘colonial question’ poses for historical materialism lies in establishing these distinct economic rhythms and movements, in tracing their specific origins according to the conjuncture of world-economy, and finally in grasping their deeper connections.» (BANAJI, 2010: 62). O que não

Confusão semelhante, mas noutro sentido, é feita com a questão do “exército de reserva”. Categoria gizada por Marx com vista a identificar um dos fenómenos do capitalismo – nas particularidades do seu próprio desenvolvimento uma grande massa de trabalhadores perde a sua *ocupação*, ficando à mercê dos capitalistas para engrossar a produção quando for necessário, seja para aumentá-la ou para coagir aqueles que estão empregados (cf. 1867: 661 ss.). O que por si só não descarta a relação destes trabalhadores com outros trabalhadores que estejam fora do escopo do proletariado (por exemplo, trabalhadores domésticos, lumpemproletariado, etc.), nem com diversas expressões de outros modos de produção³⁴.

O método em causa procura estabelecer uma maior compreensão da totalidade das relações, com vista a compreender como as múltiplas determinações (entre outras questões, a diversidade de modos de produção) se conjugam numa formação económica da sociedade.

É, com efeito, preciso saber distinguir a maneira como a concepção aparece exposta de modo geral, daquilo que é a sua “teoria regional”, dado que questões como a “mais-valia” pertencem à “região” do capitalismo e não à generalidade dos modos de produção (cf. HARNECKER, 1969: 16-17).

Nesta medida, não se deve confundir a maneira como o teórico se apropria da realidade – para o efeito, como Marx se apropria das relações do modo de produção capitalista, abstraído-o, provisoriamente, do circundante (por exemplo, do colonialismo), com vista à sua melhor definição, sem por isso julgar esgotada a realidade –, com a própria realidade (com toda a sua diversidade, multiplicidade), até com o resultado da apropriação³⁵.

Tendo em conta o que acima se expôs, parece que o entendimento de Marx, mas também de Engels, não pode ir no sentido do modo de produção como um “sistema fechado”, apresentando como consequência o “isolamento” do modo de produção capitalista e o descurar do papel dos restantes *modos* na relação com este. Vejamos, Marx (mas também Engels):

apela a um exercício de abstração apenas para efeitos analíticos (como acima se chamou

se resumo às relações capitalistas de produção. É o modo como produz o viver humano que está em causa e tal não se deu apenas contemporaneamente.

³⁴ Ainda outro exemplo: «A persistente confusão subjacente entre ‘relações de produção’ e, portanto, nesta concepção, ‘modos de produção’, com os diferentes mecanismos de extração de mão de obra excedente [*surplus-labour extraction*], tornou-se o sintoma mais característico dessa continuidade problemática nos debates mais recentes sobre a ‘transição’ e sobre a natureza da economia mundial imperialista.» - «The persistent underlying confusion between ‘relations of production’ and therefore, in this conception, ‘modes of production’, with the different mechanisms of surplus-labour extraction became the most characteristic symptom of this continuity of problematics in the more recent debates on the ‘transition’ and on the nature of imperialist world-economy.» (BANAJI, 2010: 61).

³⁵ A partir desta reflexão é-se convidado a atender, sucintamente, ao sentido de ciência para Marx e Engels: processo de produção de conhecimento indo para além da aparência superficial das coisas.

a atenção) – isto é, que se abstrai de condições que podem perturbar a reflexão –, e não por entender que abstrair cada “categoria” inerente ao modo de produção capitalista corresponderia à explicação *última e única* das relações vigentes;

considera o desenvolvimento dos modos de produção pré-capitalistas (e mesmo quando coexistem com o capitalismo) e do “modo de produção asiático”, porventura, prova suficiente de que não acreditava (ou concebia teoricamente) em algum tipo de unilinearismo³⁶; e,

refere (como visto, mesmo que não o tivesse formulado) a questão das formações económicas da sociedade, concepção suficiente para que não se quede em alguma “pureza” (entenda-se, abstração enquistada) da maneira de produzir humana³⁷.

Enfim, o suposto “paradoxo no centro da teoria marxista” denunciado por Patnaik parece não decorrer. Ao não decorrer, o “paradoxo” que aponta para um descuidar de Marx da periferia do capitalismo, do colonialismo, apontando, portanto, para um “sistema fechado”, deixa cair os problemas anunciados (agora ilustrados a partir da crítica exposta):

o *reducionismo económico* – com base na redução da totalidade social às relações de produção e económicas capitalistas;

o *determinismo económico* – com base na *necessidade* inerente ao “difusionismo” capitalista; e,

³⁶ «A afirmação de que as formações asiática, antiga, feudal e burguesa são [etapas] “progressivas”, não implica, portanto, qualquer visão unilinear simples da história [*simple unilinear view of history*], nem resulta na opinião simples de que toda a história é progresso. Apenas afirma que cada um desses sistemas se afasta cada vez mais, em aspetos cruciais, da situação primitiva do homem.» - «The statement that the Asiatic, ancient, feudal and bourgeois formations are “progressive” does not therefore imply any simple unilinear view of history, not a simple view that all history is progress. It merely states that each of these systems is in crucial respects further removed from the primitive state of man.» (HOBBSAWN, 1964: 38). O Autor também discorre amplamente (ainda que de uma maneira não sistemática) acerca da relação do capitalismo com a escravatura estado-unidense, mas também com a restante periferia como a Índia, a Irlanda, a Rússia, a Polónia, etc., isto é, entre outras coisas, a relação do capitalismo com diferentes *formas de exploração*. Aproveitando novamente a reflexão de Banaji, este autor chama a atenção para o facto de termos de verificar a compatibilidade do capitalismo com formas bárbaras de trabalho (*barbarous forms of labour*, 2010: 63).

³⁷ «Em vez de ser forçado a saltar de um nível muito alto de abstração para um nível baixo, o conceito de formações sociais concretas [*concrete social formations*] deve ser produzido passando do mais abstrato para uma *sucessão* de conceitos menos abstratos até que o conceito de formações sociais concretas seja produzido. Por exemplo, o conceito mais abstrato do modo de produção capitalista abstrai a existência das nações e dos Estados nacionais, porém para produzir com base nela o conceito de nação e Estado nacional que ainda nos deixa com um conceito relativamente abstrato do todo social; continua a ser um conceito do modo de produção e é apenas um pequeno passo adiante para o conceito de formação social concreta (Grã-Bretanha na década de 1970, por exemplo).» - «Instead of being forced by jumping from one very high level of abstraction to one low level, the concept of concrete social formations is to be produced by proceeding from the most highly abstract to a *succession* of less abstract concepts until the concept of concrete social formations is produced. For example, the most abstract concept of the capitalist mode of production abstracts from the existence of nations and national states, but to produce on the basis of it the concept of the nation and national state still leaves us with a relatively abstract concept of the social whole; it remains a concept of the mode of production and is only one small step further toward the concept of the concrete social formation (Britain in the 1970s for example).» (*grifo dos autores*, FINE; HARRIS, 1979: 14-15).

o *(uni)linearismo histórico* – com base na “lei de movimento” que aparentemente excluía tudo o resto.

O “paradoxo” não decorrerá, tendo em conta o *supra* confrontado e em última instância, porque Marx gizava de facto um “esboço histórico da génese do capitalismo na Europa Ocidental” e não uma concepção para a totalidade das relações existentes, ainda que não descursasse, como igualmente visto, o papel de uma totalidade relacional (cf. MARX, 1881: 200)³⁸. A verdade é que o capitalismo surgia como *modo* dominante e era este que era preciso analisar.

À guisa conclusiva

Patnaik seguramente deve conhecer parte dos escritos inéditos de Marx e Engels publicados em várias línguas ao longo das últimas décadas, entenda-se, aqueles que têm servido para mudar opiniões semelhantes à sua em relação à concepção materialista da história³⁹, contudo, não deixou de conservar parte de “velhos preconceitos”, mesmo internos à tradição marxista, como é o caso⁴⁰.

Não quer dizer que o autor indiano não tenha razão em parte das suas considerações, todavia, não fica claro que esteja a falar apenas de uma “tradição marxista”, de “autoproclamados epígonos” de Marx, de uma “leitura errónea” do alemão, etc., em vez da própria concepção de Marx (mas também de Engels)⁴¹.

³⁸ A sociedade humana desenvolve-se historicamente a partir das suas condições materiais gerais (da sua diversidade, da sua relação com as “condições intelectuais”, etc.) e não por via de alguma predeterminação das forças e relações de produção, entre outros derivados (cf., por exemplo, MARX, 1857-58: 383-421).

³⁹ Note-se que a *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA²) ainda se encontra a compilar a totalidade dos textos inéditos de Marx e Engels e que estes textos poderão contribuir para o enriquecimento do presente debate (cf., por exemplo, BELLOFIORE; FINESCHI, 2009).

⁴⁰ Tenha-se, finalmente, em consideração de que grande parte das críticas que são desferidas a Marx, quer dentro da tradição do seu pensamento, como adversa, atribuem-lhe uma toada mecanicista, descutando a questão fundamental da dialética e da práxis (cf. BARATA-MOURA, 2012: 229-235). Contudo, não será este o espaço para aprofundar esta questão e identificar algo semelhante em Patnaik.

⁴¹ Vejamos como uma denúncia semelhante é feita por autores que propõem uma nova “releitura” de *Das Kapital*: «A tese [de Andreas Gunder Frank, 1929-2005] baseia-se na ideia de que o trabalho tanto no Terceiro Mundo quanto nas nações capitalistas avançadas produz valores [*values*]. Dentro da tese de Frank comporta-se, portanto, a ideia de que o mundo inteiro pode ser pensado como a manifestação direta do modo de produção capitalista, uma vez que os valores não são produzidos nos modos pré-capitalistas. [...] As leis económicas e a análise política das relações imperialistas entre o capitalismo avançado e outros modos de produção só podem ser alcançadas ao abandonar esse método. Isso requer duas coisas. Primeiro, um reconhecimento de que outros modos de produção são precisamente outros modos e a rejeição da tese de que todo o mundo é capitalista. Isso implica imediatamente que as relações imperialistas pertencem às formações sociais (que resultam de articulações particulares dos modos de produção) e esse é o nível adequado para a sua análise. Em segundo lugar, um reconhecimento explícito de que as relações imperialistas são de uma estrutura política e económica e que a política tem um efeito sobre a reprodução económica.» - «The thesis is based on the idea that labour in both the Third World and the advanced

Aliás, a partir do momento em que o autor coloca a teoria de Marx dentro de um ponto de vista (“proprietismo”) posto em causa e afirma que quer “sublinhar a insuficiência” do seu esforço, convoca a ambiguidade para a sua crítica, isto é, se nuns momentos parece estar a criticar a “epigonagem”, noutros parece estar a criticar Marx (o problema reside em o fazer com base nos erros de alguns dos seus seguidores e não em eventuais erros do próprio).

Uma leitura benevolente poderia considerar que o autor entende que Marx não se encontra dentro dos problemas denunciados, mas a demarcação do alemão apresentar-se-ia como insuficiente, donde se justificaria “apanhar por tabela” em algumas passagens.

Outra leitura (a que nos parece mais acertada) não pode deixar de entender as considerações de Patnaik como responsabilizando Marx diretamente por aqueles problemas ou, principalmente, como tendo julgado “descobrir a pólvora” – isto é, que o marxismo deve ter em conta a *totalidade*, a *ação recíproca* dos diversos fatores em causa –, quando o alemão pelos vistos já “enchia barris” e “espalhava rastilhos” acerca dessa questão. Afinal, quem “deitou fora o bebé com a água do banho”?⁴².

Patnaik parece ainda cair na questão (vazia) de uma “nação contra outra nação” (próximo de um “nacionalismo ingénuo”), mesmo que de uma nação monopolista, imperialista, contra uma periférica, colonizada (política e/ou economicamente), se trate, visto que parece escusar-se à questão da luta de classes.

Isto é, é como se o indiano se escusasse à questão fundamental da concepção marxista que reside na relação entre classes (tendo em conta a produção historicamente determinada), mesmo que entre as principais classes de um determinado modo de produção existam diversos estamentos sociais. São as classes (exploradoras) que se apropriam do excedente produzido que decuplicam esforços para o extrair de outros povos, quase sempre concertadas com as classes dominantes locais (independentemente do seu desenvolvimento mais ou menos capitalista)⁴³.

capitalist nations produces values. It is dearly situated, therefore, within Frank’s thesis that the whole world can be thought of as the direct manifestation of the capitalist mode of production since values are not produced in pre-capitalist modes. [...] The economic laws and the political analysis of imperialist relations between advanced capitalist and other modes of production can only be achieved by abandoning this method. This requires two things. First, a recognition that other modes of production are precisely other modes and rejection of the thesis that the whole world is capitalist. This immediately implies that imperialist relations pertain to social formations (which result from particular articulations of modes of production) and that is the proper level for their analysis. Second, an explicit recognition that imperialist relations are of a political as well as an economic structure and that politics has an effect on economic reproduction.» (FINE; HARRIS, 1979: 167-168). A denúncia recai sobre um intérprete de Marx, em vez de ser sobre este.

⁴² Com a nossa *resposta* a Patnaik não se segue que o autor não tenha na(s) sua(s) obra(s) motivos de interesse e até de consonância com as nossas posições, todavia, aqui tratou-se somente de um confronto do seu entendimento exposto no capítulo mencionado com o geral da concepção de modo(s) de produção de Marx e Engels.

⁴³ Considere-se para um esvaziamento semelhante: «O segundo elemento da tese de Frank, que os países dominados são explorados pelo avançado através da participação no mercado, é inconsistente com o conceito de

Noutros modos de produção, a questão das classes assume a mesma importância (a de ser o *termómetro*), ainda que as suas “leis de movimento” sejam diversas.

A leitura mais correta talvez pudesse seguir a pista de um de seus compatriotas, Banaji, autor que também considera que entender o “mercado mundial” como exclusivamente governado pela reprodução capitalista retira aos outros modos de produção existentes as suas próprias “leis”, no entanto, não imputa tal reflexão a Marx. Por seu turno, avança:

A “longa duração” (*long duration*) é o menos perceptível e, em certo sentido, a mais lenta de todas as formas do tempo histórico. A sua efetividade é escalonada ao longo de séculos, e a sua realidade apenas mensurável nessa escala. Na medida em que Marx concebeu os modos de produção em um sentido mais amplo, mais verdadeiramente histórico, como “épocas de produção” ou “épocas de desenvolvimento económico da sociedade”, ele implicava que eram objetos dessa ordem de grandeza (2010: 87)⁴⁴.

Enfim, um modo de produção, mas também uma formação económica da sociedade, não pode ser analisado somente pelos seus *momentos*, pelo imediato, de maneira “fechada”, bem como não pode ser tido como uma “entidade autónoma”, ou seja, atendendo à concepção de Marx e Engels, não pode ser analisado em “curta duração”, mas também não se pode apressar a sua *totalização*, a sua *concreção* (o que não implica desconsiderar a possibilidade de “saltos”), sob pena, realmente, de se cair em algum *paradoxo*.

exploração [*concept of exploitation*] de Marx. *O ponto mais básico é que a exploração é uma relação entre as classes e não entre as nações.* Relacionado com isso está o facto de que a exploração capitalista não pode ocorrer por meio da troca; o valor excedente só pode ser criado através do controlo capitalista da produção e não da troca. Frank está, portanto, totalmente em desacordo com a abordagem marxista ao tratar a exploração ao nível da troca de mercado entre as nações.» - «The second element of Frank’s thesis, that the dominated countries are exploited by the advanced through their market participation, is inconsistent with Marx’s concept of exploitation. The most basic point is that exploitation is a relation between classes and not between nations. Related to this is the fact that capitalist exploitation cannot take place through exchange; surplus value can only be created through capitalist control of production rather than exchange. Frank is, therefore, totally at odds with the Marxist approach in treating exploitation at the level of market exchange between nations.» (*grifos nossos*, FINE; HARRIS, 1979: 165-166). O que não é o mesmo que dizer que o proletariado não encontra como adversário direto a burguesia do seu próprio país e que deve combater a burguesia sempre a nível internacional, ao invés, não existe outra maneira de combater a burguesia a nível internacional que não seja por via do confronto nacional. Aqui não reside qualquer “nacionalismo”.

⁴⁴ «The ‘long duration’ is the least perceptible, and in a sense, the slowest of all forms of historical time. Its effectivity is staggered across centuries, and its reality only measurable on that scale. Insofar as Marx conceived of modes of production in a broader, more truly historical sense as ‘epochs of production’ or ‘epochs in the economic development of society’, he implied that they were objects of this order of magnitude.» Com esta menção (e com as demais ao longo do presente artigo) não se pretende indicar que concordemos com a globalidade do ponto de vista do autor, não obstante, entendemos encontrar no seu texto (mais precisamente no 2.º capítulo que encontra uma versão preliminar e recuperada de um artigo de 1977) melhores pistas para a compreensão de Marx, mais propriamente quanto aos modos de produção, do que no capítulo aqui confrontado do seu compatriota.

Referências bibliográficas* :

ANDERSON, Kevin B. *Marx at the margins: on nationalism, ethnicity, and non-western societies*. Chicago-London: The University of Chicago Press, 2010.

BALIBAR, Étienne. Sur les concepts fondamentaux du materialisme historique. In: ALTHUSSER, Louis. *Lire le Capital*, 2 tomes. Paris: Librairie François Maspero, 1973 [1965]; II, pp. 79-226.

BAMBIRRA, Vânia. *A teoria marxista da transição e a prática socialista*. Tradução de Ivo Martinazzo. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.

BANAJI, Jairus. *Theory as history: essays on modes of production and exploitation*. Leiden-Boston: Brill, 2010.

BARATA-MOURA, José. *Materialismo e Subjectividade. Estudos em Torno de Marx*. Lisboa: Edições «Avante!», 1998.

_____. *Marx, Engels e a Crítica do Utopismo*. Lisboa: Edições «Avante!», 2015.

_____. *Totalidade e Contradição. Acerca da Dialéctica*. 2.^a edição aumentada e revista. Lisboa: Edições «Avante!», 2012.

BELLOFIORE, Riccardo; FINESCHI, Roberto (eds.). *Re-reading Marx: new perspectives after the critical edition*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

BENSUSSAN, Gérard; LABICA, Georges (dir.). *Dictionnaire Critique du Marxisme*. Paris: Quadrige / PUF, 1999 [1982]; pp. 466-473, 473-476, 744-760, 955-959.

BOTTOMORE, Tom (ed.). *A Dictionary of Marxist Thought*. 2nd. ed. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1991 [1983]; pp. 297-301, 379-381, 401-402, 504-505, 514-516.

COHEN, Gerald A. *Karl Marx's Theory of History. A Defence*. Expanded Edition. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2000 [1978].

_____. Forces and relations of production. In: MATTHEWS, Betty (ed.). *Marx: A Hundred Years On*. London: Laurence & Wishart, 1983; pp. 111-135.

ENGELS, Friedrich. Karl Marx, „Zur Kritik der Politischen Ökonomie“. *Marx-Engels Werke* (Doravante: MEW). Berlin: Dietz Verlag, 1961 [1859]; vol. 13, pp. 468-477.

_____. Brief an Joseph Bloch in Königsberg, London, 21. Sept. 1890. MEW, 1967 [1890]; vol. 37, pp. 462-465.

FAGUNDES, João Vasco. *A Dialéctica do Abstracto e do Concreto em Karl Marx*. Lisboa: Grupo de Estudos Marxistas, 2014.

FINE, Ben; HARRIS, Laurence. *Rereading Capital*. London and Basingstoke: The Macmillan

* Alguns dos textos de Marx e Engels, que não remetam para tradução portuguesa, podem ser encontrados em *Marx-Engels Obras Escolhidas em três tomos*. Lisboa: Edições «Avante!».

Press Ltd, 1979.

FINELLI, Roberto. The Limits and Uncertainties of Historical Materialism: an Appraisal based on the Text of *Grundrisse* (Notebooks III, IV and V). In: BELLOFIORE, Riccardo; FINESCHI, Roberto (eds.). *Re-reading Marx: new perspectives after the critical edition*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2009; pp. 99-111.

FONSECA-STATTER, Guilherme da. *Os Erros de Marx e as Asneiras dos Outros*. Sintra: Zéfiro, 2009.

GRACA, Laura da; ZINGARELLI, Andrea (eds.). *Studies on pre-capitalist modes of production*. Leiden: Koninklijke Brill nv., 2015.

HARNECKER, Marta. *Los conceptos elementales del materialismo histórico*. 66.^a ed. México: Siglo XXI, 2007 (*Conceitos Elementares do Materialismo Histórico I*. Tradução de Alexandre Gaspar. Lisboa: Editorial Presença, s. d. [1969]).

HINDESS, Barry; HIRST, Paul. *Mode of Production and Social Formation. An Auto-Critique of Pre-Capitalist Modes of Production*. London and Basingstoke: The Macmillan Press Ltd., 1977 [1983].

HOBBSAWN, Eric. Introduction [1964]. In: MARX, Karl. *Pre-Capitalist Economic Formations*. Translated by Jack Cohen. New York: International Publishers, 1965; 9-65.

JESSOP, Robert. Mode of production. In: EATWELL, John; MILGATE, Murray; NEWMAN, Peter (eds.). *Marxian Economics*. London and Basingstoke: The Macmillan Press Limited, 1990; pp. 289-296.

KOZLOV, G. (dir.). *Curso de Economia Política – 1*. Tradução da edição em castelhano pelas Edições Progresso, Moscovo. Lisboa: Edições «Avante!», 1981.

KRADER, Lawrence. The Asiatic Mode of Production. *International Journal of Politics*, vol. 10, n. 2/3, Rudolf Bahro: Critical Responses (Summer), pp. 99-128, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Die deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*. MEW, 1978 [1845-46]; vol. 3, pp. 9-530.

_____. *Manifest der Kommunistischen Partei*. MEW, 1978 [1848]; vol. 4, pp. 459-493 (*Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de José Barata-Moura. 4.^a ed. Lisboa: Edições «Avante!», 2004).

_____. *On Colonialism*. Second impression. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1972.

MARX, Karl. *Misère de la philosophie: réponse à la Philosophie de la misère de M. Proudhon*. Paris: Éditions Sociales, 1968 [1847] (*Miséria da Filosofia: resposta à Filosofia da Miséria do Sr. Proudhon*. Tradução de Zeferino Coelho. Lisboa: Edições «Avante!», 1991).

- _____. *Lohnarbeit und Kapital*. MEW, 1961 [1849]; vol. 6, pp. 397-423.
- _____. *Einleitung [zur Kritik der politischen Ökonomie]*. MEW, 1961 [1857]; vol. 13, pp. 615-642.
- _____. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*. MEW, 1983 [1857-58]; vol. 42.
- _____. *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*. MEW, 1961 [1859]; vol. 13, pp. 3-160.
- _____. *Theorien über den Mehrwert (Vierter Band des „Kapitals“)*. MEW, 1965 [1862-63]; vol. 26-1.
- _____. *Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie*. MEW, 1962 [1867]; vol. 23, I (*O Capital. Crítica da Economia Política*). Tradução de José Barata-Moura et al. Lisboa: Edições «Avante!», 1990-1997; livro I, tomo 1-3).
- _____. Letter to [Editor of the] *Otechestvennye Zapiski*'. In: *Marx and Engels Collected Works*. London: Lawrence & Wishart, 2010 [1881]; vol. 24, pp. 196-201.
- NUNES, António Avelãs. *A Revolução Francesa na história do capitalismo*. Lisboa: Página a Página, 2017.
- PATNAIK, Prabhat. *The Value of Money*. New York: Columbia University Press, 2009.
- RENAULT, Emmanuel. *Le Vocabulaire de Marx*. Paris: Ellipses Édition Marketing S.A., 2001.
- SANTOS, Theotônio dos. *Forças produtivas e Relações de produção*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1984.
- SHAW, William H. *Marx's Theory of History*. Stanford, California: Stanford University Press, 1978.
- SROUR, Robert Henry. *Modos de Produção: elementos da problemática*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- STALIN, Josef. "Sobre o Materialismo Dialéctico e o Materialismo Histórico". Arquivo Marxista na Internet (MIA). Tradução de Fernando A. S. Araújo, 1945 [1938]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2017.
- WEBER, Max. *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*. Tübingen: Verlag von J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1922.